



O Fator **Melquisedeque**

**O testemunho de Deus nas
Culturas por todo o mundo**

Don Richardson

Sumário

Prefácio à edição em português	9
--------------------------------------	---

PRIMEIRA PARTE: Um mundo preparado para o evangelho —O fator Melquisedeque—

Capítulo 1 Povos do Deus remoto	13
Capítulo 2 Povos do livro perdido	83
Capítulo 3 Povos com costumes estranhos	123
Capítulo 4 Eruditos com teorias estranhas	147

SEGUNDA PARTE: O evangelho preparado para o mundo —O fator Abraão—

Capítulo 5 A conexão de quatro mil anos	169
Capítulo 6 Um Messias para todos os povos	183
Capítulo 7 A mensagem oculta de “Atos”	213
Bibliografia	231

Prefácio à edição em português

Em *O fator Melquisedeque*, Don Richardson dá outro importante passo missiológico, além daquele dado em *O Totem da Paz*. Neste último, o autor demonstrou que o evangelho penetra eficazmente quando o missionário descobre e utiliza um ponto de contato cultural. Agora, o autor vai mais além.

Na obra em pauta, Richardson trata da revelação em dois níveis: O “fator Abraão” e o “fator Melquisedeque”. O primeiro desenvolve o conceito e as implicações missionárias da revelação especial registrada nas Escrituras. As conclusões do capítulo sobre Atos são surpreendentes. O segundo fator, que dá o título ao livro, fala da revelação original que deixou um importante rastro na memória dos povos denominados “primitivos”. Daí surgiu o título usado na edição original, *Eternity in Their Hearts* (Eternidade em Seus Corações). Richardson argumenta que Deus deixou um testemunho profundo, que pode e deve ser aproveitado como ponto de contato pelo missionário. A título de exemplo de sua tese, o autor trata com amplitude científica dois aspectos desse testemunho: por um lado, a lembrança de um Deus bom e soberano; por outro, a idéia persistente de um emissário que trará um livro sagrado.

A leitura de *O fator Melquisedeque* une o útil ao agradável. O estilo de Richardson prende o leitor. Suas idéias revestem-se de histórias que são, ao mesmo tempo, interessantes e verídicas. Ele vasculhou a literatura religiosa comparada para demonstrar amplamente a existência e importância do “fator Melquisedeque”. A profundidade das implicações missiológicas não perturba a leitura. Recomendo o estudo deste livro e o debate de suas idéias.

Richard J. Sturz

Primeira parte

Um mundo preparado para o evangelho — O fator Melquisedeque —



Povos do Deus remoto

Os atenienses

Em alguma época, durante o sexto século antes de Cristo, numa reunião do conselho na Colina de Marte, em Atenas...

“Diga-nos, Nícias, que aviso o oráculo de Pítias lhe deu? Por que esta praga caiu sobre nós? E por que os inúmeros sacrifícios realizados de nada adiantaram?”

O impassível Nícias olhou de frente o presidente do conselho e afirmou:

“A sacerdotisa declara que nossa cidade se encontra sob uma terrível maldição. Um certo deus a colocou sobre nós por causa do medonho crime de traição do rei Megacles contra os seguidores de Cylon.”

“É verdade! Lembro-me agora”, disse sombriamente outro membro do conselho. “Megacles obteve a rendição dos seguidores de Cylon com uma promessa de anistia, depois violou prontamente sua própria palavra e os matou! Mas qual é o deus que ainda nos condena por esse crime? Já oferecemos sacrifícios de expiação a todos os deuses!”

“Não é bem assim”, replicou Nícias. “A sacerdotisa afirma que resta ainda um deus a ser apaziguado.”

“Quem poderia ser?” perguntaram os anciãos, olhando incrédulos para Nícias.

“Não posso contar-lhes”, respondeu ele. “O próprio oráculo parece não saber o seu nome. Ela disse apenas que...”

Nícias fez uma pausa, observando as faces ansiosas de seus colegas. Enquanto isso, da cidade enlutada à volta deles, ouvia-se o eco de milhares de cânticos fúnebres.

Nícias continuou: “... precisamos enviar um navio imediatamente a Cnossos, na Ilha de Creta, e trazer de lá para Atenas um homem chamado Epimênides. A sacerdotisa assegurou-me que *ele* saberá como apaziguar esse deus ofendido, livrando assim a nossa cidade.”

“Não existe alguém suficientemente sábio aqui em Atenas?” esbravejou um ancião indignado. “Temos de apelar para um... um *estrangeiro*?”

“Se conhece algum grande sábio em Atenas, pode chamá-lo”, disse Nícias. “Caso contrário, cumpramos simplesmente as ordens do oráculo.”

Um vento frio, frio como se tocado pelos dedos gélidos do terror que varria Atenas, fez-se presente na câmara de mármore branco do conselho na Colina de Marte. Aconchegando-se mais em seu manto de magistrado, cada ancião refletiu sobre as palavras de Nícias.

“Vá em nosso nome, meu amigo”, disse o presidente do conselho. “Traga esse Epimênides! Se ele atender ao seu pedido e livrar nossa cidade, nós o recompensaremos.”

Os demais membros do conselho concordaram. O calmo Nícias, de voz suave, levantou-se, inclinando-se diante da assembléia, deixando a câmara. Ao descer a Colina de Marte, ele se encaminhou para o porto de Pireu, que ficava a 13 km de distância, na Baía de Falerom. Um navio achava-se ali ancorado.

Epimênides desceu agilmente para a terra, em Pireu, seguido de Nícias. Os dois homens encaminharam-se de imediato para Atenas, recobrando aos poucos a força das pernas depois da longa viagem por mar, desde Creta. Ao entrarem na já mundialmente famosa “cidade dos filósofos”, os sinais da praga eram vistos por toda a parte. Mas Epimênides observou outra coisa:

“Nunca vi tantos deuses!” exclamou o cretense para o seu guia, piscando surpreso. Falanges ladeavam os dois lados da estrada que saía do Pireu. Outros deuses, centenas deles, adornavam um terreno íngreme e rochoso, chamado acrópole. Tempos depois, nesse mesmo lugar, os atenienses construíram o Partenon.

“Quantos são os deuses de Atenas?” inquiriu Epimênides.

“Várias centenas pelo menos!” replicou Nícias.

“Várias centenas!”, foi a exclamação espantada de Epimênides. “Aqui é mais fácil encontrar deuses do que homens!”

“Tem razão!”, riu o conselheiro Nícias. “Não sei quantos provérbios já foram feitos sobre ‘Atenas, a cidade saturada de deuses’. Com a mesma facilidade que se tira uma pedra da pedreira, outro deus é trazido para a cidade!”¹

Nícias parou repentinamente, refletindo sobre o que acabara de dizer. “Todavia”, começou pensativo, “o oráculo de Pítias declara que os atenienses precisam apaziguar ainda um outro deus. E *você*, Epimênides, deve promover a intercessão necessária. Ao que parece, apesar do que eu disse, nós, atenienses, ainda precisamos de mais um deus!”

Jogando a cabeça para trás e rindo, Nícias exclamou: “Realmente, Epimênides, não consigo adivinhar quem poderia ser esse outro deus. Os atenienses são os maiores colecionadores de deuses no mundo! Já saqueamos as teologias de muitos povos das vizinhanças, apoderando-nos de toda divindade que possamos transportar para a nossa cidade, por terra ou por mar.”

“Talvez seja *esse* o seu problema”, disse Epimênides com um ar misterioso.

Nícias piscou os olhos para o amigo, sem compreender, como quem deseja um esclarecimento desse último comentário. Mas alguma coisa na atitude de Epimênides o silenciou. Momentos depois, chegaram a um pórtico com piso de mármore, junto à câmara do conselho na Colina de Marte. Os anciãos de Atenas já haviam sido avisados e o conselho os esperava.



Deus preparou o mundo para o evangelho: esta é a tese que Don Richardson procura demonstrar, ao longo das páginas deste livro, por meio de histórias fascinantes. História como esta:

Uma vez por ano, os artesãos de uma tribo da Indonésia constroem um barco de madeira em miniatura e o levam até a margem do rio. Em um dos lados do barquinho o xamã da tribo amarra uma galinha e do outro lado coloca uma lanterna acesa. Logo em seguida, cada membro da tribo passa perto do barquinho e deposita um objeto invisível, entre a galinha e a lanterna. Quando se pergunta às pessoas o que puseram no barquinho, elas respondem: “Meu pecado”. Depois, o xamã deixa o barquinho ser levado pela correnteza, enquanto os espectadores comemoram em alta voz: “Estamos salvos”.

Embora esta cerimônia religiosa não salve ninguém do seu pecado, Don Richardson a vê como exemplo de uma ponte para o conhecimento do evangelho. Neste livro, Richardson conta mais de 25 histórias fascinantes, que mostram como Deus plantou a semente do evangelho em cada cultura do mundo. Esta espécie de revelação geral de Deus é chamada pelo autor de “O Fator Melquisedeque”, em uma alusão ao nome do sacerdote a quem Abraão prestou homenagem no livro de Gênesis.

O Fator Melquisedeque é um livro culturalmente rico e profundamente sensível que mudará a visão de muitos cristãos sobre os povos pagãos e a soberania de Deus.




VIDA NOVA

ISBN 978-85-275-0401-0



9 788527 504010